



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM:
QUANDO A
BAIXADA
LÊ E ESCRIBE



Panóplia

**PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM:**

**QUANDO A
BAIXADA
LÊ E ESCRIVE**

© 2026 Editora Panóplia

www.editorapanoplia.com.br

Palavras que transformam: quando a Baixada lê e escreve
1ª edição

Revisão e Projeto Gráfico: Panóplia

Capa: Daiana da Silva dos Santos

Grupo de Comunicação Terceiro Setor



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Palavras que transformam : quando a baixada lê e
escreve / organização Charles Monteiro. --
Duque de Caxias, RJ : Panóplia Cultural, 2026.

ISBN 978-65-83987-38-9

1. Antologia 2. Baixada Fluminense (RJ)
3. Coletânea - Miscelânea 4. Comunicação
5. Estudantes - Escritores 6. Escrita
7. Leitura 8. Redação I. Monteiro, Charles.

26-384154.0

CDD-800

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura 800

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização.

**PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM:
QUANDO A
BAIXADA
LÊ E ESCREVE**

1ª edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2026

SUMÁRIO

RAÍZES DA TRANSFORMAÇÃO: GECOM

Sobre o Gecom	11
Juliana Marques - Palavra da coordenadora de Educação do Gecom	13
Natasha Soares - O impacto do Concurso de Redação Social na formação humana	17

PALAVRAS QUE INSPIRAM: TEXTOS CONVIDADOS

Lindinor Larangeira - A importância do Concurso de Redação Social do Gecom na formação da consciência crítica da juventude de Duque de Caxias	23
Nilton Marlúcio de Arruda - A importância do ato de ler, escrever e promover o uso da palavra	29
Taiellen Costa, Vitória Curitiba e Tailane Santana - O caminho para transformar futuros	32
Andreia Marques - Quando a juventude escreve o futuro	36

Aline Verginia dos Santos - A magia de escrever à mão ..	41
Antônio Dutra - Da arte de encontrar palavras: o caminho dos jovens	44
Valquíria Gomes Marquinis - Quando a educação abre caminhos	49
Marco Antônio Honório - O papel do livro na comunidade	52
Michael Tompson Marques da Costa - Quando a palavra transforma	56

QUANDO A BAIXADA ESCREVE: REDAÇÕES

Charles Monteiro - Prefácio	61
Emanuella Moreira Miranda dos Santos (1º lugar do Concurso de Redação Social 2025) - A leitura como ato de emancipação e construção social	65
Isabella de Farias Ribas (2º lugar do Concurso de Redação Social 2025) - O valor dos livros na atualidade e no passado	68
Giovanna Marquinis de Oliveira (3º lugar do Concurso de Redação Social 2025) - O papel da literatura na construção da democracia	70

Ana Luiza Algaba Andrade - A influência dos livros na formação do pensamento crítico	75
Erick Estevão Sampaio Sabino - A importância dos livros para estimular a reflexão crítica e diminuir a desigualdade no Brasil	77
Gabriel Cortes da Silva - A importância da leitura para uma sociedade consciente	79
Heshlei Katellen Alves Ferreira - O conhecimento através dos livros	82
Júlia Vitória Sabino Ataíde - Desafios para reconhecer os direitos através da leitura	84
Juliana Milza Paixão dos Santos - O valor dos livros como instrumento de conhecimento e cidadania na população brasileira	86
Kauany Feitosa dos Santos - Leitura: um ato de transformação e liberdade	88
Maria Vitória Pereira da Silva - O ato de ler como ferramenta de mudança	90
Miguel de Lima da Silva - O poder dos livros na formação do cidadão	92

Raianna Vitória Ferreira dos Santos - Os livros como preservação cultural	94
Raianny de Souza Vieira - A importância da leitura para o conhecimento	97
Ruanna Vitória Ferreira dos Santos - A leitura como um símbolo de resistência	100
Samarah Crystyne Queiroz da Silva - A leitura e o caminho	103
Talita de Barros Campos Roberto - A valorização da leitura	105
Vinícius Andrade de Souza - A desvalorização dos livros em nossa sociedade como instrumentos de ensino e na formação de nossa cidadania	107
Yasmin de Souza Vieira - A influência da literatura na formação dos valores da sociedade	110

RAÍZES DA TRANSFORMAÇÃO



GECOM

SOBRE O GECOM

O Grupo de Comunicação para o Terceiro Setor (Gecom) é uma iniciativa de comunicação independente nascida em 2013, em Duque de Caxias. Nosso trabalho principal é assessoria de comunicação para ONGs e outras iniciativas sociais de base comunitária.

Acreditamos que comunicação bem feita transforma impacto social em resultado real. Por isso, ajudamos iniciativas do terceiro setor a entender, planejar e usar a comunicação de forma estratégica, gerando conhecimento e ampliando alcance.

O Gecom também incentiva, divulga e valoriza estudos, pesquisas e práticas de estudantes, pesquisadores e profissionais que atuam — ou desejam atuar — em comunicação para o terceiro setor e em mídias independentes.

Defendemos que educação de qualidade e acessível, sem discriminação, é caminho essencial para

reduzir desigualdades. Alinhado ao ODS 4 da ONU, “Educação de Qualidade”, o Gecom apoia a educação para além da comunicação.

Assim, realizamos, todo ano, o Concurso de Redação Social com estudantes do ensino médio de escolas públicas e pré-vestibulares comunitários de Duque de Caxias. Mais que um concurso, é um espaço para jovens pensarem, escreverem e exercerem sua cidadania a partir de temas sociais que impactam a vida real.

PALAVRA DA COORDENADORA DE EDUCAÇÃO DO GECOM

Este livro nasceu do encontro entre a leitura, a escrita e as muitas vozes que passam todos os anos pelo Concurso de Redação Social do Gecom.

A cada edição recebemos textos que nos emocionam, provocam reflexões e revelam talentos que merecem ser reconhecidos. Como acontece em todo concurso, apenas algumas redações podem ser premiadas. No entanto, ao longo dos anos, percebemos que muitas produções de excelente qualidade acabavam ficando restritas às avaliações, sem alcançar o público que mereciam. Foi dessa percepção que surgiu a ideia desta coletânea.

Mais do que reunir textos vencedores, este livro busca dar visibilidade a autores que encontraram na escrita uma forma de expressão, de descoberta e de construção de conhecimento. São estudantes de

escolas públicas e de cursos pré-vestibulares comunitários do município de Duque de Caxias que, por meio das palavras, compartilham suas experiências, inquietações, sonhos e visões de mundo.

Em muitos casos, recebemos redações que atendem plenamente aos critérios exigidos pelo concurso. Em outros, encontramos textos que seguem caminhos diferentes. São narrativas envolventes, reflexões sensíveis, poemas e produções que nem sempre se encaixam no formato solicitado, mas que demonstram domínio da linguagem, criatividade e um olhar singular sobre a realidade. Embora não possam ser avaliados dentro das regras da competição, esses textos revelam talentos que não podem passar despercebidos.

Esta coletânea também é uma forma de reconhecer esses escritores. Jovens da Baixada Fluminense que, muitas vezes, produzem textos de grande qualidade, mas nem sempre encontram espaços

para divulgar suas ideias e seu talento. Aqui, suas vozes ganham páginas, leitores e o destaque que merecem.

Como coordenadora de educação do Gecom e profissional da educação com trajetória construída entre a escola pública, a docência e o trabalho voltado à educação inclusiva, acompanhar essas produções tem sido uma experiência profundamente significativa. Todos os anos, encontramos jovens que demonstram sensibilidade, criatividade e uma notável capacidade de reflexão. Esta coletânea nasce também do desejo de reconhecer esses talentos e reafirmar a importância de criar oportunidades para que diferentes vozes sejam ouvidas, valorizadas e incentivadas a ocupar os espaços que lhes pertencem.

Esperamos que este livro seja mais do que um registro de um concurso. Que ele seja um convite à leitura, à valorização da educação e ao reconhecimento da potência criativa existente em nossos territórios. Cada texto presente nesta obra é a prova de que há

muitos talentos esperando apenas uma oportunidade para serem lidos.

Boa leitura.

Juliana Marques

Coordenadora de educação do Gecom

Pedagoga e professora mediadora

O IMPACTO DO CONCURSO DE REDAÇÃO SOCIAL NA FORMAÇÃO HUMANA

Tive a oportunidade de acompanhar este projeto desde o início de sua construção, a convite de Charles Monteiro, idealizador do Concurso de Redação Social. Participar desse processo como coordenadora permitiu-me compreender ainda mais de perto o impacto que iniciativas como essa produzem na vida dos jovens.

Há projetos que distribuem materiais. Outros distribuem oportunidades. Mas existem aqueles raros projetos que devolvem às pessoas algo que lhes foi negado por muito tempo: a própria voz.

O Concurso de Redação Social nasce exatamente nesse lugar. Em um território marcado por desafios históricos na educação e pela desigualdade, o projeto compreende que educar vai além dos conteúdos programáticos. Educar também é valorizar a voz do estudante, estimular o pensamento crítico e criar espaços para que jovens reflitam sobre si, sobre o

mundo e sobre o lugar que ocupam na sociedade.

O projeto revela uma verdade essencial: talento existe em todos os lugares, inclusive onde muitos insistem em enxergar apenas carências. Cada redação reúne vivências, sentimentos e perspectivas únicas. Quando essas produções são valorizadas, o estudante percebe que também pode ocupar espaços de produção intelectual, reconhecimento e transformação.

Seu impacto ultrapassa a sala de aula. O Concurso mobiliza estudantes, professores, famílias, escolas e apoiadores em torno de um propósito comum: fortalecer a educação como caminho para mudanças reais. Ao incentivar a escrita, mostra aos jovens da periferia que suas ideias importam, que sua voz possui potência e que seus sonhos merecem espaço.

Há dez anos atuo na educação pública em Duque de Caxias. Na mesma escola em que hoje trabalho, um dia fui aluna. Antes de ocupar o lugar de educadora, percorri os mesmos corredores, vivi os mesmos

silêncios e compartilhei muitos dos sonhos dos estudantes que hoje encontro diariamente.

Morei na comunidade até os 14 anos e carrego profundo carinho pelo território de onde vim. Conheço suas dificuldades, mas também sua força. A periferia produz cultura, inteligência, criatividade, resistência e transformação todos os dias. Existe afeto. Existe humanidade. Existe futuro.

Falar sobre educação pública exige responsabilidade. Não se trata apenas de discutir índices ou desempenho escolar, mas de compreender que, para muitas crianças e jovens, a escola é o primeiro lugar onde aprendem que sua voz tem valor.

Ao longo da minha trajetória, aprendi que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos. Educar é reconhecer cada aluno em sua história, em suas potencialidades e naquilo que ainda pode descobrir sobre si. Por isso, iniciativas como o Concurso de Redação Social são tão necessárias. Incentivar a

leitura e a produção textual é ampliar horizontes, fortalecer identidades e mostrar que a realidade de um estudante não precisa definir os limites do seu futuro.

Talvez seja por isso que este projeto me emocione tanto. Sei o significado de um jovem da periferia perceber que sua escrita pode ser lida, valorizada e reconhecida.

Mais do que um concurso, esta iniciativa representa oportunidade, pertencimento e esperança. Em um cenário marcado por tantas desigualdades, incentivar a leitura e a escrita é um ato de resistência e a reafirmação de que a educação continua sendo o caminho mais poderoso para transformar vidas.

Natasha Soares

*Coordenadora de educação do Gecom -
1ª edição do Concurso de Redação (2022)
Professora e educadora*

PALAVRAS QUE INSPIRAM

TEXTOS CONVIDADOS

**A IMPORTÂNCIA DO CONCURSO DE REDAÇÃO
SOCIAL DO GECOM NA FORMAÇÃO
DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA JUVENTUDE
DE DUQUE DE CAXIAS**

Em uma cidade marcada por profundas desigualdades históricas, como Duque de Caxias — território onde a luta por direitos básicos sempre caminhou lado a lado com a resistência popular — iniciativas como o Concurso de Redação Social do Gecom não são meras atividades culturais: são, antes de tudo, trincheiras concretas de disputa simbólica e formação cidadã.

Os concursos populares de redação, sobretudo aqueles voltados à juventude da rede pública, cumprem uma função que vai muito além da sala de aula. Eles operam como instrumentos de democratização do saber em uma sociedade que, como nos ensinou Florestan Fernandes (1920-1995), o patrono da sociologia brasileira, historicamente restringiu o acesso

pleno à educação às classes trabalhadoras.

Ao estimular a escrita, o pensamento e a argumentação, esses concursos colocam o jovem diante de um desafio decisivo: interpretar o mundo para nele intervir.

No caso específico do Concurso de Redação Social do Gecom, essa dimensão ganha ainda maior densidade. Trata-se de uma iniciativa do Terceiro Setor que emerge de dentro do próprio território, dialogando com as contradições concretas de Duque de Caxias e oferecendo à juventude local algo que o Estado frequentemente nega: oportunidade estruturada de expressão, reconhecimento e projeção. E isso não é pouca coisa.

Quando um estudante participa de um concurso desse tipo, não está apenas treinando para o ENEM ou para o vestibular — embora isso também seja central, dada a brutal concorrência desses exames. Está, na prática, exercitando aquilo que Antonio Gramsci (1891–

1937) — filósofo marxista, jornalista, linguista e político italiano, amplamente reconhecido como um dos pensadores políticos mais influentes do século XX — chamaria de formação de um “intelectual orgânico”: alguém capaz de compreender criticamente a realidade social em que está inserido e de produzir discurso sobre ela.

Ao pesquisar temas, organizar ideias e construir argumentos, o jovem amplia seu repertório cultural, rompe com a lógica do senso comum e se apropria de ferramentas que historicamente lhe foram negadas. Ler jornais, analisar dados, articular conceitos — tudo isso passa a ser parte de um processo formativo que extrapola o conteúdo escolar e invade o terreno da consciência crítica.

Mais do que isso: ao premiar e dar visibilidade aos participantes, o concurso promove algo essencial em contextos de vulnerabilidade social — o reconhecimento. Em uma sociedade que

frequentemente silencia vozes periféricas, validar publicamente a palavra de um jovem é um gesto político. É dizer, de forma inequívoca: sua leitura de mundo e sua escrita interpretativa importam. E importam muito.

A democratização de oportunidades, expressa em prêmios, também não deve ser subestimada. Em cidades como Duque de Caxias, onde a desigualdade é gritante, premiações, mesmo que modestas, funcionam como incentivos, abrindo caminhos concretos para trajetórias que podem nos legar carreiras de escritor ou, na maioria dos casos, incentivar a cidadania crítica.

Mas talvez o impacto mais profundo resida naquilo que não se mede imediatamente: a construção da autoconfiança. Quando o jovem percebe que é capaz de organizar ideias, dominar a norma culta, construir um texto coeso e, sobretudo, ser ouvido, algo se transforma. A palavra deixa de ser apenas um exercício escolar e passa a ser instrumento de existência social.

Nesse sentido, o Concurso de Redação Social do Gecom não é apenas uma competição. É um projeto de intervenção no tecido social de Duque de Caxias. É uma aposta na inteligência de sua juventude. É, em última análise, um gesto político-pedagógico que reafirma a educação como prática de liberdade, para lembrar Paulo Freire (1921–1997), educador e filósofo brasileiro, amplamente reconhecido como um dos pensadores mais influentes da história da pedagogia mundial e como o Patrono da Educação Brasileira.

Em tempos de desvalorização do pensamento crítico e de ataques sistemáticos à escola pública, iniciativas como essa ganham ainda maior relevância. São faróis em meio à escuridão, abrindo caminhos para que jovens não apenas sonhem com futuros diferentes, mas adquiram as ferramentas necessárias para construí-los.

Porque, no fim das contas, escrever bem, pensar criticamente e reconhecer-se como sujeito de sua

própria história não são privilégios. São direitos — e o Gecom, com seu concurso, ajuda a torná-los realidade.

Lindinor Larangeira
Jornalista, radialista e escritor

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER, ESCREVER E PROMOVER O USO DA PALAVRA

Escrever é um ato de resistência e de libertação. Ocupar espaços com as próprias letras é uma demonstração de coragem de quem não se deixa vencer, mesmo diante dos tantos obstáculos que o mundo competitivo e desigual impõe às pessoas das classes menos favorecidas. Incentivar a escrita dos jovens das escolas públicas, então, é criar espaços para que os verbos transformem as orações em esperança e perspectiva. Mais predcados do que prejudcados! A iniciativa do Grupo de Comunicação para o Terceiro Setor — Gecom — é um excelente exemplo de que a educação revolucionária pode contar com agentes de transformação da sociedade, pelo simples fato de acreditar no potencial dos estudantes em formação.

Quantos textos e traços de talento podem ter ficado pelo caminho, por falta de oportunidades e condições mínimas para trilhar os seus sonhos? Quantos

pesadelos desapareceram pela magia de um livro. Quem lê livra-se da condenação da ignorância. Quem escreve, disponibiliza sentenças de que o mundo há de ser melhor. Para todos!

Esta publicação é, tão somente, a primeira estação de embarque para os autores premiados. Adiante, a vida se apresenta mais em forma de trilhas do que de trilhos. Eles haverão de encontrar os seus atalhos para chegar até onde sonhar e quiser. Com os próprios pés, cujos passos precisam de espaços como esses que o Concurso de Redação Social se propõe a pavimentar. Com os próprios textos, ocupando os seus espaços nas páginas por escrever. Trata-se do lugar de fala, em forma de textos!

E quando o espaço da palavra escrita se abre ao lugar de fala dos jovens em risco de discriminação, nada mais se cala. Nada mais se pode calar. Dar voz a essas vozes do amanhã é perseguir a ideia de uma sociedade mais inclusiva e humana. Nada diferente de uma

proposta prática de comunicação direcionada ao Terceiro Setor, como ponte entre os recursos e as oportunidades que, nem sempre, têm distribuição justa e igualitária. A atuação comunitária do Gecom e a parceria com os novos textos de potenciais e futuros escritores são o traço e o espaço, que se encontram para transformar o mundo da gente. Viva a atitude de dar asas às letras e à imaginação. Viva a rebeldia de reescrever a própria trajetória.

Nilton Marlúcio de Arruda
Jornalista, professor e escritor

O CAMINHO PARA TRANSFORMAR FUTUROS

Nos pré-vestibulares comunitários, a leitura vai muito além da preparação para as provas.

Ela é uma ferramenta de transformação, que amplia horizontes, desperta a curiosidade e fortalece a autonomia dos estudantes. Ao entrar em contato com diferentes textos, os alunos passam a compreender melhor o mundo à sua volta, desenvolvem a capacidade de analisar informações de forma crítica e constroem repertório para participar de debates, expressar opiniões e defender seus pontos de vista. A leitura também contribui diretamente para o desenvolvimento da escrita e da oralidade, tornando os estudantes mais seguros para comunicar suas ideias e mais preparados para os desafios acadêmicos e da vida em sociedade.

Da mesma forma, a pesquisa científica tem um papel fundamental nesse processo formativo. Quando os alunos aprendem a buscar informações em fontes

confiáveis, analisar dados e transformar conhecimento em produção textual, eles desenvolvem habilidades que vão muito além dos vestibulares. Com o acompanhamento dos professores, compreendem que escrever não é apenas colocar palavras no papel, mas investigar, refletir, dialogar com diferentes autores e construir argumentos sólidos. Essa experiência mostra que a escrita pode ser um processo colaborativo, enriquecido pela troca de conhecimentos e pela busca constante por informação de qualidade.

É nesse contexto que o Concurso de Redação promovido pelo Grupo de Comunicação para o Terceiro Setor (Gecom) se torna uma experiência tão importante. Ao incentivar a leitura, a pesquisa e a escrita, o concurso oferece aos estudantes a oportunidade de exercitar competências essenciais para sua formação acadêmica e cidadã. Durante esse percurso, os alunos aprendem a pesquisar com mais responsabilidade, a selecionar informações relevantes e a compreender

como um bom texto é construído. Mais do que produzir redações, eles desenvolvem um olhar mais crítico sobre os temas que impactam a sociedade e fortalecem sua confiança como produtores de conhecimento.

Acreditamos que investir na leitura, na pesquisa e na escrita é investir no futuro dos nossos estudantes. Cada livro lido, cada pesquisa realizada e cada texto produzido representa um passo importante na construção de trajetórias acadêmicas mais sólidas.

Essas experiências contribuem diretamente para o principal objetivo do Pré-Vestibular Comunitário Solano Trindade: democratizar o acesso ao ensino superior e garantir que estudantes de territórios historicamente marginalizados e com menos oportunidades, como a Baixada Fluminense, possam ingressar em universidades de qualidade. Mais do que preparar para vestibulares, esse trabalho busca romper barreiras sociais e educacionais, ampliando a presença desses estudantes nos espaços acadêmicos e

fortalecendo o direito à educação como instrumento de transformação social.

Taiellen Costa

Vitória Curitiba

Tailane Santana

*Professoras e coordenadoras do
Pré-Vestibular Comunitário Solano Trindade*

QUANDO A JUVENTUDE ESCRIBE O FUTURO

Receber o convite para integrar a banca julgadora do Concurso de Redação Social, organizado pelo Grupo de Comunicação para o Terceiro Setor, a convite de Charles Monteiro, foi uma experiência que me trouxe profunda alegria e emoção.

Como escritora, editora, amante da literatura e alguém que acredita no poder transformador das palavras, participar de um projeto que incentiva jovens do ensino médio a pensarem, refletirem e expressarem suas ideias por meio da escrita é algo que toca diretamente minha essência.

Ao longo da leitura das redações, fiquei profundamente emocionada ao perceber o nível de sensibilidade, consciência crítica e maturidade presente nos textos dos estudantes. Em um tempo em que tantas vezes ouvimos discursos pessimistas sobre a juventude e sobre o futuro da educação, encontrar

jovens que escrevem sobre cidadania, literatura, consciência social, empatia, democracia e transformação foi como encontrar esperança escrita em cada página.

Os textos que li revelaram vozes que desejam ser ouvidas, compreendidas e valorizadas. Muitos alunos demonstraram, além do domínio argumentativo, muita humanidade, senso crítico e capacidade de enxergar os livros como instrumentos de liberdade, resistência e mudança social. Isso mostra que a educação ainda possui um poder revolucionário quando encontra espaço, incentivo e acolhimento.

Projetos como esse são extremamente importantes para o futuro da educação brasileira. Eles incentivam os jovens a desenvolverem pensamento crítico, ampliam horizontes e mostram que escrever não é uma obrigação escolar, mas sim uma ferramenta de expressão, identidade e transformação pessoal. Em uma sociedade marcada pela velocidade das

informações superficiais, promover concursos de redação é também promover escuta, reflexão e profundidade.

Acredito que iniciativas como essa ajudam a despertar talentos que, muitas vezes, permaneceriam invisíveis. Quantos futuros escritores, professores, jornalistas, filósofos, pesquisadores e agentes transformadores podem nascer a partir de um projeto que acredita na potência da juventude? Quando um jovem percebe que sua escrita possui valor, ele passa também a perceber que sua voz possui importância no mundo.

Fiquei ainda mais feliz ao receber a notícia de que as redações irão se transformar em uma antologia. Como editora e organizadora de projetos literários, sei o quanto a publicação de um texto pode marcar a vida de um autor, especialmente quando esse autor ainda está no ensino médio. Ver suas palavras impressas em um livro é compreender, talvez pela primeira vez, que

aquilo que sentimos, pensamos e escrevemos pode alcançar outras pessoas.

Transformar essas redações em antologia é eternizar sonhos, ideias e reflexões. É dar permanência à voz desses jovens. É dizer a eles que suas palavras importam. Além disso, uma antologia se torna também um registro histórico e social de uma geração, de seus pensamentos, inquietações e esperanças.

Ao ler cada redação, senti que estava diante de jovens capazes de refletir sobre o mundo de maneira madura e potente. Por isso sou profundamente grata pelo convite e pela confiança depositada em mim para participar de um projeto tão significativo. Levo comigo não apenas a honra de ter integrado essa banca julgadora, mas também a certeza de que iniciativas como essa precisam crescer, alcançar mais escolas, mais jovens e mais comunidades.

A literatura continua sendo uma das formas mais bonitas de resistência, liberdade e transformação. E ver

tantos jovens escrevendo com verdade, sensibilidade e consciência reforça a minha crença de que ainda existem muitos futuros possíveis sendo escritos entre linhas, sonhos e páginas. Porque toda vez que um jovem descobre a força da própria voz, uma nova luz se acende no mundo.

Andreia Marques

Psicanalista, filósofa e escritora

A MAGIA DE ESCREVER À MÃO

Nas linhas que compõem o grande caderno da vida, há muitos que já não escrevem mais. Vivemos com uma geração preocupada demais em digitar, gravar vídeos de dancinhas, enviar figurinhas, áudios e que cada vez menos escrevem à mão. Estamos aos poucos, perdendo a mágica da escrita, da letra bonita e desenhada, já que cada vez menos é necessário escrever, mas sim digitar.

Lembro-me bem das vezes que minha mãe se sentava para escrever. Ela adorava pegar uma boa caneta e escrever receitas, bilhetes, caça-palavras, palavras cruzadas, orações, anotações, lista de mercado, simpatias... A letra dela era imponente, linda, desenhada e no tamanho ideal. Quando ela partiu, seus escritos tornaram-se a lembrança mais linda para mim, professora de português. A geração dela era uma geração que escrevia para se comunicar, deixava

bilhetes, enviava cartas e muitas outras formas de comunicação através da escrita.

A redação, a produção textual em sua plenitude, faz essa mágica de não deixar que a escrita se perca e que as ideias que temos na cabeça desabem e se instalem no papel. E não é só isso: através da produção textual é possível conseguir diversos feitos, tais como colocar nossas emoções no papel, emoções essas que muitas vezes sufocam nossa existência, e também passar no vestibular ou no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e alcançar uma vaga na universidade, mudando e melhorando não só a vida daquele que é aprovado, mas a de sua família, além das oportunidades que é possível conquistar a partir de uma boa escrita, de uma escrita significativa.

Produzir um texto manuscrito tem a grande mágica de ensinar a organizar as ideias, seja na cabeça, seja no rascunho, antes de colocá-las no papel em definitivo. Faz-nos entender que outras pessoas

renomadas, filósofos, pesquisadores, cientistas... podem servir de repertório para aquilo que pensamos, e isso é fantástico, uma vez que é um grande suporte para uma escrita com argumentos bem fundamentados. Sendo assim, escrever à mão é fascinante. Simplesmente, não deixem de escrever.

Aline Verginia dos Santos

Professora na Rede E. do RJ e na Rede M. de Nova Iguaçu

Mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (UFRJ)

Especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ)

Especialista em Gestão Escolar (UNIFAVENI)

Especialista em Atendimento Educacional Especializado (IMES)

DA ARTE DE ENCONTRAR PALAVRAS: O CAMINHO DOS JOVENS

Sempre anima o espírito ver pessoas tão jovens, à beira de entrarem na vida adulta, descobrindo a arte de juntar palavras e atribuir-lhes sentido, cobrindo seus pensamentos com a roupa disponível de conceitos, apresentados pelo tempo e pelas aulas. A coletânea reunida é representativa desse novo momento em que os estudantes sabem que possuem coisas a dizer.

Em uma primeira vista, procuramos ver o que defendem, quais seriam suas ideias do lugar do livro — este sobrevivente de palavras no meio da experiência moderna — na formação que estes jovens, talvez quase inconscientemente, acabam criando para si mesmos. Esse primeiro olhar busca encadeamento, coerência, correção. Em seguida, buscamos ver aquilo que está na ordem do dia e na praça pública: a necessidade de uma sociedade mais democrática, a construção de um conceito mais amplo de cidadania ou um olhar mais

atento às necessidades juvenis. Um bom exemplo é a demanda por ações dos poderes públicos, como sugere a jovem Emanuella, sugerindo a construção de mais bibliotecas públicas e mais projetos voltados para leitura e os jovens.

Mais bibliotecas, redução de desigualdades sociais e de acesso à cultura, maior respeito à convivência, aprender — com os livros — como participar das decisões políticas, ações governamentais... por fim, a velha palavra que nos legou Atenas: a Democracia nesse ambiente plural, contraditório, por vezes violento, por vezes festivo como se nenhum outro lugar do planeta pudesse o ser também e que costumamos chamar de país.

Essa primeira parte parece ser bem compreendida por estes jovens. Vinte estudantes que compreenderam o poder das palavras, de um município tão grande como Duque de Caxias, que concentra perto de oitenta escolas estaduais, o que sugere que ainda há

muitos talentos por encontrar. Que haja mais espaços físicos e virtuais, artísticos e de apoio que esses jovens, como se diz hoje, periféricos, possam desfrutar. Quem trabalha por muito tempo no ensino público, ao longo do tempo acaba por colecionar histórias de pessoas, situações, pequenas memórias e por fim... observando trajetórias.

Diante de nossos olhos, muitas vezes apenas passam rostos, nomes, adolescentes que são atropelados em seu processo de crescimento pelas responsabilidades ou pelo alto preço que o hedonismo fácil, sedutor e as ruas ofertam, como um Mefistófeles nascido da desesperança termina por ceifar horizontes.

Talvez este primeiro passo dado permita desenvolver o gosto pelo ofício de escrever, de começar aprendiz na arte que nos deixaram Machado de Assis, Drummond, Lima Barreto, e no meio daquelas vozes distintas, aquilo que não se encaixa mais no texto lido, cujas construções guiaram e forneceram padrões

que, aos poucos, o aprendiz compreende que há algo ainda por fazer.

Ninguém nasce um escritor pronto. Na verdade, o texto que é escrito é que constrói o escritor ao longo do tempo.

Esperamos todos que esses jovens avancem em idade, construam suas personalidades, e suas escolhas tragam bons frutos; e sobretudo, que esse prazer de defender ideias e construir textos não se apague com o passar dos anos. Que seus anseios atuais formem os cidadãos que serão quando adultos, plenos em suas escolhas e demandas.

Nessa construção, ainda que imersa nesse mundo digital e frenético, entrecortado de informações e flashes de aplicativos, que haja um espaço pessoal, discreto para o livro.

Parabéns aos organizadores pela descoberta dessas pequenas alegrias escritas, parabéns aos estudantes; que possam tornar tudo isso, quase

parafraseando Mallarmé, um instante de música.

Boa leitura!

Antônio Dutra

*Professor e escritor, tem textos publicados no Brasil e na França
Autor de livros sobre Faulkner, Matacavalos e Visconde de Taunay.*

QUANDO A EDUCAÇÃO ABRE CAMINHOS

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.” Baseados nessa frase de Nelson Mandela, podemos entender que a educação realmente possui o poder de transformar vidas. É através dela que adquirimos conhecimento, aprendemos a pensar, questionar e enxergar o mundo de uma forma mais consciente. A educação faz diferença na vida de qualquer ser humano, pois desenvolve o raciocínio, amplia nossa visão e nos ajuda a formar opiniões próprias. Quando temos acesso ao conhecimento, nos tornamos mais preparados para compreender os assuntos do cotidiano e enfrentar os desafios da vida.

Por isso, é tão importante existirem projetos de leitura e cursos preparatórios para vestibulares, principalmente em áreas periféricas, onde muitas vezes o acesso à educação e à cultura é mais limitado. Essas iniciativas despertam nas pessoas a vontade de

aprender, crescer e acreditar em seus sonhos. O incentivo à leitura e ao estudo transforma pensamentos, abre caminhos e cria novas possibilidades para o futuro. Eu mesma tive a oportunidade de participar de projetos de leitura e de estudos preparatórios para vestibulares, experiências que marcaram minha vida de forma muito especial. Foi através delas que passei a enxergar o mundo de outra maneira. Além disso, os exemplos e incentivos de profissionais da educação me ajudaram a escolher minha profissão e acreditar mais no meu potencial.

A educação transforma mentes e muda realidades. Por isso, investir em projetos educacionais é investir no futuro das pessoas e da sociedade. Também é importante que os pais incentivem seus filhos a serem pessoas curiosas, pensantes e interessadas em aprender sobre diferentes assuntos, ensinando-os a refletir, a questionar e a expressar suas opiniões com clareza.

Somente assim teremos uma sociedade formada por pessoas conscientes, capazes de pensar por si mesmas e que não serão facilmente enganadas por qualquer discurso.

Valquíria Gomes Marquinis

*Pedagoga, supervisora pedagógica da Fundec de Duque de Caxias
Mãe da Giovanna Marquinis*

O PAPEL DO LIVRO NA COMUNIDADE

Meu nome é Marco Antônio Honório e atuo como trabalhador cultural na Biblioteca Comunitária Vila Aracy. Ao longo dos anos, convivendo diariamente com crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade, pude perceber o quanto o livro pode transformar vidas. Mais do que um objeto de estudo, ele representa uma oportunidade de crescimento, conhecimento e desenvolvimento pessoal.

A leitura consegue abrir caminhos que pareciam muitas vezes distantes. Por meio dos livros, as pessoas ampliam sua visão de mundo, desenvolvem a criatividade, fortalecem o pensamento crítico e compreendem melhor a realidade em que vivem. Em comunidades que enfrentam dificuldades de acesso à cultura e à educação, o livro se torna uma ferramenta ainda mais valiosa, capaz de despertar sonhos, incentivar novos projetos de vida e fortalecer a

autoestima das pessoas.

Na Biblioteca Comunitária Vila Aracy, acompanhamos de perto os benefícios que a leitura proporciona. Muitas pessoas tiveram seu primeiro contato com os livros por meio das atividades desenvolvidas pela biblioteca. Ver uma criança descobrir o prazer da leitura, um jovem melhorar seu desempenho escolar ou um adulto voltar a estudar é uma experiência que demonstra a força transformadora do conhecimento.

O incentivo à leitura vai muito além do simples ato de ler. Ele promove inclusão social, fortalece os laços comunitários e cria oportunidades para as pessoas participarem de forma mais ativa da sociedade. Quem lê desenvolve mais autonomia, aprende a questionar, a refletir e a buscar soluções para os desafios do dia a dia. Por isso, considero fundamental a criação de projetos que despertem o interesse da população pelos livros. Concursos de redação, rodas de leitura, contação de

histórias, clubes do livro e atividades culturais são iniciativas que ajudam a aproximar as pessoas da leitura. Além disso, essas ações incentivam crianças, jovens e adultos a estabelecer metas, desenvolver habilidades e criar uma relação mais próxima e afetiva com os livros.

A cidadania também se constrói por meio do acesso à informação. Uma sociedade que lê é uma sociedade mais consciente de seus direitos, mais participativa e mais preparada para contribuir com o desenvolvimento coletivo.

Investir em livros, bibliotecas e projetos de incentivo à leitura é investir no futuro das pessoas e no fortalecimento das comunidades.

Acredito que o livro continua sendo uma das ferramentas mais poderosas para transformar vidas.

Por meio dele, construímos conhecimento, preservamos a cultura, fortalecemos valores e formamos cidadãos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa, democrática e solidária. É por isso

que sigo acreditando no trabalho realizado pela Biblioteca Comunitária Vila Aracy e na importância de levar a leitura para cada vez mais pessoas.

Marco Antônio Honório
Gestor da Biblioteca Comunitária Vila Aracy

QUANDO A PALAVRA TRANSFORMA

Eu sempre fui uma pessoa que não sabia se expressar, não conseguia colocar meus sentimentos pra fora e só quando eu entrei no Pré-vestibular Solano Trindade e tive a oportunidade de participar da primeira edição do concurso de redação é que descobri de fato que gosto de escrever poesias.

Confesso que, quando me candidatei ao concurso, não estava tão confiante por nunca ter feito nada do tipo antes, foi um grande desafio que me permitiu arriscar e, quando eu comecei a escrever, sabia que estava no caminho certo. Só parei quando realmente já tinha chegado no limite possível. Para a minha surpresa, fiquei em primeiro lugar. Depois deste dia, comecei a ler sobre poesias, a escrever e pude perceber que conseguia me expressar através de palavras.

Nunca duvide de si mesmo. Assim como eu fiz,

você é capaz!

*"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que
você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe
em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."*

Clarice Lispector.

Michael Thompson Marques da Costa
Vencedor da 1ª edição do Concurso de Redação - 2022
Desenvolvedor de software

QUANDO A BAIXADA ESCRIVE



REDAÇÕES

PREFÁCIO

Palavras transformam vidas! Essa verdade ganha forma nas páginas que você tem em mãos.

O presente livro é resultado das redações de jovens que participaram do Concurso de Redação Social 2025, realizado pelo Grupo de Comunicação para o Terceiro Setor (Gecom), em que o tema foi “A importância do livro como instrumento de conhecimento e cidadania”.

São textos de jovens estudantes de escolas públicas e de pré-vestibular comunitário de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Jovens que venceram inseguranças e medos para colocar no papel, com ousadia, suas ideias e emoções sobre leitura, escrita e participação social.

Eles não vieram somente pelo prêmio que o Concurso oferece. Vieram para testar a si mesmos, ganhar segurança na própria escrita e defender

argumentos sem medo de julgamento. Todas as redações foram escritas à mão — em folha de almaço ou caderno — em casa, na escola, na biblioteca, na igreja, na praça. Pesquisaram em fontes seguras, consultaram professores e livros, sem uso de inteligência artificial.

Nos surpreendeu ver que o número de inscritos foi quase o mesmo de redações entregues: apenas uma não foi entregue. É uma vitória simbólica numa região onde o acesso ao livro ainda é precário e o incentivo à leitura depende de iniciativas sociais e voluntárias.

Esta publicação só existe graças a quem acreditou e financiou. Nosso agradecimento aos amigos anônimos deste livro, cuja contribuição silenciosa tornou cada página possível. Agradecemos também aos parceiros do Concurso de Redação e aos empreendedores locais Papelaria Meu Fofão, Rodrigo Xérox, ArtEncanto Produtos Personalizados, Doces D'Castro e à psicóloga Vanessa Lobo.

Agradecemos ainda à Associação Casa Fluminense, que fortalece nossa ação a cada ano; ao Pré-Vestibular Comunitário Solano Trindade, primeiro parceiro e referência na trajetória de tantos estudantes de Duque de Caxias, por abrir caminhos ao tão sonhado ensino superior; aos professores e educadores que acompanham e orientam os estudantes na escrita das redações, assim como aos professores da Comissão de Avaliação; às famílias que incentivam e comparecem à premiação; e à equipe do Gecom, unida na certeza de gerar impacto positivo na comunidade.

Convido a todos a refletirem, ao final deste livro: o que acontece quando a Baixada lê e escreve?

Boa leitura!

Charles Monteiro
Criador do Gecom e jornalista

Palavras que transformam: quando a Baixada lê e escreve

EMANUELLA MOREIRA MIRANDA DOS SANTOS

1º LUGAR DO CONCURSO DE REDAÇÃO SOCIAL 2025

A LEITURA COMO ATO DE EMANCIPAÇÃO E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Os livros são grandiosos portais de conhecimento e ferramentas de expansão intelectual desde a Antiguidade. Na obra "A Menina que Roubava Livros", do escritor Markus Zusak, essa instrumentalização é expressa através do contato da personagem Liesel Meminger com o vasto mundo dos livros no cenário opressor da Segunda Guerra Mundial.

É fundamental pontuar que os livros são importantes mecanismos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Além disso, os livros atuam como veículos de comunicação que permitem o acesso a variados tipos de saberes — sejam técnicos, filosóficos ou ficcionais — contribuindo para a difusão

do conhecimento. Dessa forma, ao ultrapassarem os limites de instituições educacionais, as obras literárias se fortalecem como heranças culturais que eternizam saberes ancestrais e corroboram para a construção da cosmovisão cidadã.

No que concerne à aplicabilidade da leitura como forma de expansão do pensamento, a obra "1984", de George Orwell, apresenta uma realidade distópica marcada pela supressão da liberdade e controle ideológico. Nesse contexto, o ato de ler é considerado transgressor e passa a ser visto como uma ameaça política. Tal representação reflete, figurativamente, o poder da leitura, uma vez que, o acesso às obras permite aos cidadãos desenvolver senso crítico. Desse modo, o hábito de ler torna-se símbolo de emancipação.

Diante dos fatos expostos, compreende-se que os livros transcendem a função educacional e consolidam-se como artifícios para o desenvolvimento

da cidadania. Contudo, para garantir o acesso igualitário a esses bens inestimáveis, é necessário que medidas efetivas sejam tomadas. Nesse sentido, cabe ao Ministério da Educação ampliar o número de bibliotecas públicas e promover projetos interdisciplinares nas escolas que incentivem o hábito da leitura. Assim, será possível consumir o papel do cidadão como agente transformador da sociedade por meio do conhecimento e da reflexão crítica.

ISABELLA DE FARIAS RIBAS

2º LUGAR DO CONCURSO DE REDAÇÃO SOCIAL 2025

**O VALOR DOS LIVROS NA ATUALIDADE
E NO PASSADO**

Desde os primórdios da civilização, os livros se consolidam como pontes entre gerações, preservando saberes e formando consciências. No Brasil, a literatura tem papel fundamental não apenas na difusão do conhecimento, mas também na construção de cidadanias. Obras de grandes autores revelam problemas sociais, estimulam o senso crítico e oferecem horizontes de transformações individuais e coletivas.

Machado de Assis, por exemplo, ao retratar a sociedade do século XIX em romances como “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, expôs as contradições humanas, as desigualdades e as

sutilezas das relações sociais. Mais do que entretenimento, seus livros funcionam como espelhos críticos, levando o leitor a refletir sobre os vícios e virtudes de sua época, reflexões que permanecem atuais. Assim, a literatura de Machado ensina que conhecimento não se resume à informação, mas também à consciência da condição humana.

De modo semelhante, "Capitães da Areia", do autor Jorge Amado, dá voz a crianças e adolescentes marginalizados, revelando ao leitor as injustiças sociais que condenam muitos à exclusão. Ao humanizar personagens frequentemente invisíveis, a obra desperta para necessidades de mudanças estruturais. Nesse sentido, o livro se torna um instrumento de cidadania, pois instiga a compreensão do outro e a busca por uma realidade mais justa.

Portanto, os livros não são apenas objetos de papel e tinta, mas ferramentas de emancipação. Eles ampliam horizontes, promovem o pensamento crítico e

favorecem a participação consciente na vida social. Se a cidadania depende de sujeitos informados e sensíveis às desigualdades, a literatura brasileira demonstra, por meio de suas páginas, que o conhecimento é também uma forma de transformação. Cultivar o hábito de leitura é, assim, um compromisso com o presente e uma aposta em um futuro melhor e mais democrático.

GIOVANNA MARQUINIS DE OLIVEIRA

3º LUGAR DO CONCURSO DE REDAÇÃO SOCIAL 2025

O PAPEL DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA

O filme “Sociedade dos Poetas Mortos” narra a história de um professor de literatura que desperta em seus alunos o desejo de pensar de forma independente e de apreciar a escrita. Contudo, fora da ficção, percebe-se que, na sociedade moderna, a verdadeira função da leitura tem sido questionada. Diante dessa realidade, torna-se necessário refletir acerca do valor dos livros como instrumento de conhecimento e de cidadania, considerando, especialmente, a falta de incentivo às práticas literárias e a omissão estatal.

Em primeiro lugar, é relevante observar que a ausência de estímulo à leitura potencializa a desvalorização da literatura e, por consequência,

contribui para a inércia social. Sob essa perspectiva, destaca-se a tese do escritor brasileiro José Cândido, que defende a literatura como um direito humano fundamental para a formação do indivíduo. A inexistência desse hábito provoca a limitação da inteligência e impede o pleno processo de humanização do cidadão. Ao relacionar o conceito do estudioso à realidade contemporânea, percebe-se que grande parte da população ignora a importância de ampliar seus conhecimentos por meio dos livros, o que restringe o senso crítico e a criatividade. Exemplo disso é a pouca inserção da literatura na Educação Infantil, fator que compromete, ao longo da vida, a capacidade reflexiva do ser humano. Portanto, é essencial combater a desvalorização das práticas literárias desde os anos iniciais.

Além disso, a negligência governamental agrava o quadro. A antropóloga Lília Schwarz confirma que, no Brasil, existe uma “política de eufemismos”, por meio

da qual os problemas sociais são suavizados e acabam não recebendo a atenção necessária. Essa análise aplica-se à questão literária, pois o Estado falha ao não investir em ações que estimulem a leitura e democratizem o acesso aos livros. A escassez de bibliotecas públicas e de profissionais da área evidencia a falta de políticas efetivas, o que dificulta o exercício pleno da cidadania e o acesso ao conhecimento.

Dessa forma, é imprescindível superar desafios sociais e governamentais para promover a valorização da literatura como instrumento de transformação cidadã. Para isso, o Governo Federal, responsável pela administração pública, deve implementar políticas de incentivo à leitura, com repasse de verbas aos municípios para a construção e reabertura de bibliotecas, a fim de democratizar o acesso da população ao conhecimento. Paralelamente, o Ministério da Educação deve desenvolver projetos que incluam momentos de leitura e roda de conversa nas

escolas desde os anos iniciais. Assim, será possível constituir uma sociedade mais crítica, consciente e humanizada.

ANA LUIZA ALGABA ZDRADEK

A INFLUÊNCIA DOS LIVROS NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO

Os livros nunca foram só papel e tinta. Eles são janelas, portas, e, às vezes, até socos no estômago. Quem abre um livro não encontra só histórias; encontra caminhos para pensar diferente, para questionar o mundo e para não aceitar tudo calado. Por isso, os livros carregam um valor que vai além do óbvio: são armas silenciosas contra a ignorância e sementes de cidadania.

Ler não é decorar palavras, é aprender a pensar. Quem lê começa a perceber injustiças, a enxergar o que muitos tentam esconder, a não aceitar correntes invisíveis. O conhecimento cutuca, incomoda, desperta; ele torna o leitor mais difícil de ser manipulado. É nesse ponto que a leitura deixa de ser passatempo e vira

resistência.

Mas os livros também têm um lado mais humano: eles ensinam a sentir. Em cada personagem, em cada dor ou esperança, a gente descobre um pedaço de nós mesmos e do outro. Essa empatia é o que faz a cidadania acontecer de verdade, porque não existe sociedade justa se cada um só olhar pra si.

Valorizar os livros é valorizar a própria liberdade. Investir em bibliotecas, garantir que todos possam ler, é um passo para que mais vozes se levantem. No fim das contas, cada página lida é como uma faísca. E faíscas, quando se encontram, são capazes de incendiar o mundo.

ERICK ESTEVÃO SAMPAIO SABINO

**A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS PARA ESTIMULAR
A REFLEXÃO CRÍTICA E DIMINUIR
A DESIGUALDADE NO BRASIL**

É notório que se tem muito discutido, recentemente, acerca do valor dos livros como instrumento de conhecimento e cidadania. Muitas pessoas não têm acesso aos livros por falta de estímulo à leitura e condição financeira.

Em primeiro lugar, a leitura é essencial para a sociedade. Através da leitura, os cidadãos adquirem muito conhecimento. Segundo o filósofo Paulo Freire, os livros permitem às pessoas desenvolverem pensamentos críticos, ajudando a questionar injustiças sociais e políticas.

Em segundo lugar, os livros ajudam a reduzir desigualdades educacionais e sociais. Jovens das

periferias e áreas rurais podem ter acesso às ideias e aos conhecimentos que antes eram restritos. A literatura afro-brasileira e indígena promove inclusão e reconhecimento de grupos historicamente silenciados. Diante disso, torna-se indispensável que o Ministério da Educação, em parceria com prefeituras e organizações da sociedade civil, promova a criação de projetos com clubes de leitura nas escolas e nas bibliotecas comunitárias. Esse tipo de ação pode ser acompanhado com distribuição gratuita de livros físicos e digitais, além da realização de debates coletivos mediados por educadores, com a finalidade de estimular a reflexão crítica, incluindo a redução das desigualdades educacionais e a ampliação da cidadania plena.

GABRIEL CORTES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA UMA SOCIEDADE CONSCIENTE

Os livros representam uma das principais ferramentas de aprendizado e desenvolvimento humano. Desde cedo, eles oferecem aos indivíduos a oportunidade de conhecer novas ideias, compreender diferentes culturas e refletir sobre a própria realidade. Ler não significa apenas decifrar palavras, mas interpretar informações, questionar conceitos e ampliar a visão de mundo.

Além de transmitir conhecimento, os livros são essenciais para a formação da cidadania.

Um cidadão bem informado tem mais condições de tomar decisões mais conscientes, participar da vida social e política e agir de forma ética. Obras sobre história, direitos humanos e problemas sociais ajudam a

compreender a desigualdade, a injustiça e a importância do respeito à diversidade.

A leitura também fortalece habilidades cognitivas como raciocínio crítico, interpretação e argumentação. Livros de ficção e não ficção permitem que o leitor exercite a imaginação e a empatia, compreendendo diferentes pontos de vista e situações. Essa experiência contribui para a convivência em sociedade e para o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente e responsável.

Quando todos têm acesso aos livros, é mais fácil reduzir desigualdades e formar pessoas preparadas para participar da vida social e política.

Mesmo com a presença da tecnologia e das redes sociais, os livros continuam sendo insubstituíveis. Eles oferecem profundidade, reflexões e argumentos que não encontramos em informações rápidas ou superficiais.

Ler exige atenção e concentração, e quem lê

desenvolve melhor a capacidade de pensar, questionar e escolher com consciência.

Portanto, os livros são muito mais do que objetos de estudo. Eles são ferramentas de transformação pessoal e social.

Através da leitura, é possível adquirir conhecimento, desenvolver habilidades críticas e se tornar um cidadão consciente, capaz de contribuir para uma sociedade mais justa, informada e participativa.

Valorizar os livros é investir no próprio futuro e da comunidade em que vivemos.

HESHLEI KATELLEN ALVES FERREIRA

O CONHECIMENTO ATRAVÉS DOS LIVROS

Desde o surgimento da escrita, os livros se tornaram instrumentos fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento e da sociedade. Eles guardam saberes, histórias e experiências humanas, sendo responsáveis por transmitir cultura e promover o pensamento crítico. A leitura, portanto, é um ato que vai muito além do aprendizado escolar: é um meio de formação pessoal e de exercício da cidadania.

Na minha visão, o livro é uma das ferramentas mais poderosas que existe. Por meio dele, posso compreender o mundo, aprender sobre diferentes realidades e refletir sobre minhas próprias atitudes. Cada leitura desperta novas ideias e amplia minha forma de pensar. É através dos livros que desenvolvo meu conhecimento e minha consciência como cidadã,

aprendendo a respeitar as diferenças e a valorizar o diálogo.

Além de proporcionar saber, a leitura também desperta empatia e senso de justiça. Um cidadão que lê é capaz de compreender melhor seus direitos e deveres, analisar as informações com senso crítico e participar de forma mais consciente da sociedade. Em tempos de excesso de informações, ler é um ato de resistência e de liberdade intelectual.

Acredito que os livros têm um poder transformador. Eles inspiram, educam e ajudam a construir uma sociedade mais justa e humana. Valorizar a leitura é investir em um futuro no qual o conhecimento e a cidadania caminhem juntos. Enquanto existirem pessoas dispostas a abrir um livro e aprender com ele, haverá esperança de um mundo mais sábio, crítico e solidário.

JÚLIA VITÓRIA SABINO ATAIDE

DESAFIOS PARA RECONHECER OS DIREITOS ATRAVÉS DA LEITURA

Na série "Anne With An E", a protagonista enfatiza a importância dos livros para a aprendizagem e para reconhecer seus direitos por lei. No entanto, nem todos os cidadãos admitem o valor dos livros para a mudança de futuro. Dessa forma, torna-se evidente a omissão estatal e a passividade social diante dos acontecimentos.

Ademais, é preponderante ressaltar que os livros têm sabedoria sobre os direitos. Na série "The Handmaid's Tale" relata-se a importância da leitura no dia a dia, onde as mulheres eram proibidas de ler e não podiam contrariar o Estado. Ou seja, a leitura é uma ferramenta fundamental para a formação de opiniões. Diante disso, o acesso à leitura não abrange todos e, além disso, o analfabetismo infelizmente é "comum" e

prejudicial a novas oportunidades. O Estado não se move para mudar o cenário atual.

Outrossim, é pertinente ressaltar que o hábito de leitura melhora os conhecimentos. Na música "Até Quando?", de Gabriel, o Pensador, expõe-se que a sociedade se mantém inativa diante de tudo e pede a mudança do povo. Nesse sentido, a população deveria exigir uma qualidade de vida digna, para reconhecer o seu valor identitário. Desse modo, ao não aprender com os livros, deixa de ter reconhecimento básico.

Portanto, para minimizar a situação atual, o Ministério da Educação deve promover ensino de qualidade para todos. Com a parceria das escolas, devem realizar a distribuição de livros que falem sobre direitos humanos, com intenção de formar cidadãos críticos. Assim, toda semana deve ocorrer leituras nas salas, através das escolas com ajuda dos professores, a fim de praticar o hábito de ler com os estudantes. Dessa forma, a população iria reconhecer seus direitos.

JULIANA MILZA PAIXÃO DOS SANTOS

**O VALOR DOS LIVROS COMO INSTRUMENTO
DE CONHECIMENTO E CIDADANIA NA POPULAÇÃO
BRASILEIRA**

No filme “Escritores da Liberdade” baseado em fatos reais, relata a história de uma professora que fez a diferença na educação. Erin Gruwell se depara com alunos totalmente desestruturados, e resolve utilizar livros para transformar tal cenário. Nesse contexto, atualmente no Brasil, a ausência de bibliotecas e a falta de estrutura familiar têm sido um grande impasse.

Em uma primeira análise devemos destacar que a carência de bibliotecas públicas em áreas mais pobres é, de fato, um impacto direto da desigualdade social e da negligência estatal. Pois uma parte significativa de centros populares comunitários existentes são criados pela própria comunidade. Entretanto, segundo a

Constituição Federal de 1988, artigo 205, ‘A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família’.

Ademais, a falta de estrutura familiar, ocasionada pelo acesso limitado, tem reverberado nesse impasse. Nesse viés, dados do IBGE indicam que a escolaridade dos pais é decisiva para garantir o diploma dos filhos. Tal realidade ressalta o quanto a estrutura familiar é decisiva para garantir conhecimento e cidadania.

Portanto, medidas são necessárias para resolver essa problemática. O Estado deve investir em mais bibliotecas nas áreas de menor infraestrutura, oferecendo acesso gratuito e de qualidade. O governo, juntamente com o Ministério da Educação, deve ampliar o número de profissionais voltados para aulas extras de leitura nas escolas, campanhas e palestras. Dessa forma, será consolidada igualdade para todos.

KAUANY FEITOSA DOS SANTOS

LEITURA: UM ATO DE TRANSFORMAÇÃO E LIBERDADE

Os livros são essenciais para uma sociedade, pois, além de servirem como “veículos” de conhecimento, transmitindo diversas informações, quem lê faz descobertas de gerações passadas.

Conhecimento e cidadania são informações cruciais em todo o mundo, e o livro é um instrumento de extremo valor nessa situação. As leituras são importantes, ajudam a fomentar o desenvolvimento intelectual e cultural, algumas vezes buscam melhorar pensamentos críticos. Ademais, os livros preservam identidade cultural de diferentes comunidades e promove uma formação cidadã consciente. O educador/escritor Paulo Freire, com a “leitura do mundo”, argumentava que a leitura da palavra está

profundamente ligada à “leitura do mundo”; a leitura só faz sentido se for para compreender e modificar a perspectiva de liberdade no mundo.

Aristóteles resume a ideia “*A leitura é o caminho mais curto para o conhecimento*”. Isso ajuda a destacar a acessibilidade dos livros como fontes de sabedoria e informação, independente da educação social. Voltaire (filósofo iluminista) afirmou que “*a leitura engrandece a alma*”.

Estimular o gosto pela leitura e escrita é importante. Democratizar o acesso ao livro e à cultura em áreas periféricas através de bibliotecas comunitárias, incentivar a produção textual própria do público através de campanhas e palestras, criar rodas de conversa/oficina de escrita criativa, tudo isso com ajuda do Poder Público, Ministério da Educação...

MARIA VITÓRIA PEREIRA DA SILVA

O ATO DE LER COMO FERRAMENTA DE MUDANÇA

“Um povo que lê nunca será um povo escravo”.

Na frase de António Lobo Antunes, o escritor afirma que a literatura é um dos instrumentos mais importantes do cidadão. Nesse sentido, compreender o papel da literatura e o valor dos livros como instrumentos de conhecimento e cidadania é fundamental para a construção de um povo livre e consciente.

Em primeira análise, é importante pontuar o dever da literatura na garantia de direitos ao cidadão. De acordo com o escritor George Orwell, em seu livro “1984”, Orwell mostra como a manipulação da informação, representada na adulteração das notícias, anula a capacidade do indivíduo de formar seu próprio pensamento crítico, um dos principais papéis dos livros.

“Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros”. A obra *“A Revolução dos Bichos”*, de George Orwell, serve como um aviso contra os regimes totalitários que buscam controlar a vida dos cidadãos, destacando a importância dos livros como um meio de resistir à manipulação.

Portanto, tendo em vista os aspectos observados, é importante ressaltar o poder e a influência dos livros para o cidadão como instrumento de conhecimento e cidadania.

MIGUEL DE LIMA DA SILVA

O PODER DOS LIVROS NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Os livros sempre tiveram um papel fundamental na vida das pessoas. Através deles, é possível aprender novos conteúdos, conhecer diferentes culturas e desenvolver o pensamento crítico. Por isso, os livros não são apenas fontes de informação, mas também importantes ferramentas para a formação do cidadão.

Em primeiro lugar, o contato com a leitura amplia o conhecimento. Ao ler, o indivíduo tem acesso a informações que podem ajudá-lo em diversas áreas, desde a escola até a vida em sociedade. Além disso, os livros estimulam a criação e a criatividade, permitindo que o leitor enxergue o mundo de diferentes maneiras.

Outro ponto importante é que os livros contribuem para a cidadania. A leitura ajuda a compreender direitos e deveres, além de despertar a

consciência crítica. Um cidadão bem informado consegue participar melhor das discussões sociais e tomar decisões mais responsáveis para si e para a comunidade.

RAIANNA VITÓRIA FERREIRA DOS SANTOS

OS LIVROS COMO PRESERVAÇÃO CULTURAL

Na obra “O Povo Brasileiro”, de 1995, o antropólogo Darcy Ribeiro analisa como o país se formou e também fala sobre como a trajetória social e política do Brasil gerou barreiras estruturais que ainda hoje continuam comprometendo o avanço nacional.

Nesse contexto, a escassez dos livros para a nossa sociedade se torna um obstáculo ao desenvolvimento pleno da nação, pois os livros têm extrema importância; assim sendo, tanto na aprendizagem quanto na formação cidadã. Essa questão se mantém pelo descaso do governo e pela falha da sociedade em promover o seu próprio bem-estar.

Durante a Ditadura Militar (1974-1985), a censura foi um dos principais instrumentos de controle social.

Da mesma forma que a música fez parte dessa censura, os livros também. O regime temia ideias que incentivassem o pensamento crítico, consciência política e resistência. Mesmo agora, continuamos lidando com essa questão. Na Bienal do Livro de 2025, repetiu-se o ocorrido de 2019-20, sofrendo com o que parece ser censura. Em 2019, Marcelo Crivella solicitou o recolhimento da HQ “Vingadores”, afirmando que o beijo entre dois personagens masculinos “influenciaria” as crianças. Em 2025, um grupo de mulheres fundamentalistas fez vídeos em suas redes sociais colocando obras LGBTQs e de matriz africana. O youtuber com mais de 2 mil inscritos, Ismael, fez um vídeo sobre isso, denunciando uma tentativa de censura. Para Nicolau Maquiavel, governantes agem priorizando a manutenção do poder e deixam o bem comum em segundo plano. Assim, políticos voltados para a importância dos livros recebem poucos investimentos, já que não trazem retorno.

Desse modo, a falta dos livros como instrumento de conhecimento e cidadania multiplica e agrava. Presentemente, muitos encaram a falta de acesso aos livros como algo normal, o que reduz o debate público e impede cobranças a quem está no poder.

Essa diferença somada à desigualdade e à crise da leitura reforça o ciclo de banalização. Portanto, cabe ao Estado promover campanhas de conscientização da leitura, por meio de ações educativas, colocando mais e mais livros nas bibliotecas dos CIEPs, abrindo bibliotecas comunitárias e realizando a veiculação midiática, como a reportagem “As pessoas dos Livros”, da GloboNews.

Por fim, o governo deve ampliar a divulgação sobre o tema mobilizando a sociedade; com isso, será possível romper e preservar a memória e a identidade cultural.

RAIANNY DE SOUZA VIEIRA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O CONHECIMENTO

Segundo o filósofo grego Aristóteles, a leitura é o caminho mais curto para o conhecimento. Nesse sentido, os livros assumem um papel fundamental na formação do pensamento crítico e na construção da cidadania. No entanto, na sociedade brasileira atual, o acesso à leitura é restrito e a valorização dela é limitada. Esses fatores comprometem tanto o desenvolvimento do pensamento crítico da população quanto sua participação na sociedade.

A leitura, além de ampliar o conhecimento, promove o desenvolvimento da reflexão sobre injustiças sociais na população. Por meio delas, os indivíduos tornam-se mais conscientes de seus direitos e deveres, o que contribui para a sua atuação como

cidadãos informados. Assim, os livros ajudam o cidadão a desempenhar um papel mais ativo na sociedade.

Contudo, embora sua importância seja inegável, o acesso aos livros no Brasil enfrenta muitos obstáculos. A falta de bibliotecas públicas, principalmente em regiões desfavorecidas, e a ausência de incentivo à leitura nas escolas dificultam o desenvolvimento do hábito de ler. Segundo o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), apenas 8% da população brasileira compreende o que lê, o que evidencia a fragilidade da educação e da compreensão textual do país. Nesse cenário, iniciativas como o projeto “Leia para uma criança”, do Itaú Social, mostram-se exemplos positivos de incentivo à leitura e de democratização do acesso aos livros.

Dessa forma, é fundamental que o governo atue para enfrentar os dois principais desafios relacionados à leitura. Para promover o desenvolvimento crítico da população, deve-se implementar políticas de incentivo

que valorizem a leitura desde as séries iniciais, como a melhoria das condições de ensino nas escolas e o uso de obras literárias em sala de aula. Ao mesmo tempo, para ampliar o acesso, é necessário investir na construção e na manutenção de bibliotecas em áreas carentes. Tais medidas podem contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, consciente e participativa.

RUANNA VITÓRIA FERREIRA DOS SANTOS

A LEITURA COMO UM SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

A ditadura militar no Brasil, ocorrida entre os anos de 1964 a 1985, foi caracterizada por períodos de vasta opressão e censura à produção literária representada através dos livros, com a intenção de controlar a sociedade e impedir a disseminação de ideias, mais tarde, vindo a se tornar objeto de resistência a deste estigma que pôs em destaque a “negligência estatal” e a contribuição na “educação e inclusão social” de jovens e adultos.

Nesse viés, no que tange ao tema, é necessário recapitular um caso recente de ação estatal na censura do livro “O Avesso da Pele”, de Jeferson Tenório. O livro, que aborda o racismo e relações sociais, foi alvo de proibição em escolas por conter, supostamente, vocabulário inadequado, mesmo sendo aprovado pelo

PNLD. Por consequência, a negligência estatal na censura de livros impede o acesso à arte e a reflexão crítica, já que, os livros têm um enorme valor de conhecimento e cidadania. A falta de uma resposta estatal cria um ciclo prejudicial à formação educacional e cultural do país.

Ademais, a contribuição dos livros na educação e na inclusão social é um fator que impacta positivamente a questão. Na educação, a leitura permite que jovens e adultos se tornem cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres. Além de amparar na alfabetização tardia de pessoas sem grau escolar, como os idosos. Assim, a inclusão social fica cada vez mais nítida, como no programa “Lugar de Livros”, transmitido pelo Canal TV Cultura, que aborda a importância da leitura e o acesso aos livros, principalmente em contextos sociais.

Logo, para por fim a esta desvalorização ao tema, o Estado — órgão de maior poder político —, por meio do Ministério da Educação, deve implantar

estratégias educativas e sociais para a promoção de bibliotecas públicas pelas cidades e palestras sobre o valor dos livros na sociedade. Assim, vindo a preservar tal mecanismo de conhecimento e cidadania.

SAMARAH CRYSTYNE QUEIROZ DA SILVA

A LEITURA E O CAMINHO

No filme "A Menina que Roubava Livros", Liesel é uma jovem pobre, que vive nos horrores da Segunda Guerra Mundial, onde era proibida a leitura. Entretanto, foi através dos livros que roubava que ela encontrou um refúgio e aprendeu o significado das palavras "resistência" e "esperança". Observa-se que a importância da leitura é essencial para obter um senso crítico. No Brasil, muitas pessoas não possuem acesso aos livros, devido a desigualdade social.

As pessoas perderam o hábito de ler ou mesmo não gostam, devido ao avanço da tecnologia que vem ganhando maior espaço. Sendo um grave problema, pois isso vem trazendo péssimos hábitos, como abreviações de palavras que prejudicam o aprendizado e também escritas erradas. Impactando, também, no

desenvolvimento educacional, pois a leitura é essencial para uma formação intelectual, estimulando o pensamento crítico, ampliando o vocabulário e possibilitando a compreensão de realidades sociais diferentes. No Brasil, grande parte da população não tem acesso a livros e bibliotecas de qualidade, pela precariedade educacional.

Medidas devem ser tomadas para amenizar esse impasse, tais como, o Ministério da Educação junto com o Governo Federal adotar como medidas a disponibilização de meios para que todas as classes sociais sejam alcançadas. Um exemplo disso seria abrir bibliotecas públicas em cada bairro e internet dentro desses espaços, para que todos tenham acesso à leitura de livros, e-books e artigos. Podendo, assim, estimular a prática da leitura entre os jovens, porque é através da leitura que se forma o caráter e a educação. Como dizia a frase atribuída ao filósofo Aristóteles: "*A leitura é o caminho mais curto para o conhecimento*".

TALITA DE BARROS CAMPOS ROBERTO

A VALORIZAÇÃO DA LEITURA

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.” - Cora Coralina

É evidente que, no contexto atual, o conhecimento, seja através de livros ou pela internet, não é adquirido por todos e nem levados tão a sério, principalmente pela população de baixa renda por não ter instruções, desde crianças, da diferença que faria a leitura.

Ademais, todos deveriam entender a relevância da leitura para a vida cotidiana, pois através dela que adquirimos conhecimento, aprendemos a falar melhor, a interpretar melhor, a ter pensamentos críticos, entre outros.

Sob esse viés, a escola é o momento da vida das pessoas em que mais devem ser incentivadas a

construir um hábito de leitura e não só isso, mas sentir interesse e prazer em ler. Em contrapartida, muitas escolas públicas não têm essa iniciativa de incentivar os alunos, fora que às vezes estão escassas de livros, ou com poucos tipos de gêneros para atender a todos os gostos, outras têm bibliotecas vazias ou nem têm — isso acaba sempre deixando os alunos em desvantagem em relação aos alunos de escolas públicas ou que podem ter seus próprios livros em casa.

Diante disso, *“O conhecimento serve para encantar as pessoas. Não para humilhá-las”*, como afirma Mário Sérgio Cortella. Somos todos iguais e para que o conhecimento seja igualitário, precisamos que o sistema educacional elabore novas leis e que o governo libere verbas para a melhoria da leitura.

VINÍCIUS ANDRADE DE SOUZA

**A DESVALORIZAÇÃO DOS LIVROS EM NOSSA
SOCIEDADE COMO INSTRUMENTOS DE ENSINO
E NA FORMAÇÃO DE NOSSA CIDADANIA**

"Os livros são o nosso arroz com feijão", afirma a escritora galego-brasileira Nélida Piñon ao reclamar acerca do aumento da sobretaxa dos livros nos locais de venda, o que, em tese, demonstra a falta de interesse do governo em valorizar aquilo que tem de mais precioso em nossa sociedade: os livros, que são fundamentais para a nossa formação cidadã e pedagógica.

Com isso, vê-se na sociedade brasileira a falta de conhecimento básico tanto da população quanto de políticos em assuntos que impactam nosso dia a dia, como a desvalorização da nossa história e educação, áreas que são cruciais e de suma importância para

aqueles que valorizam nossos livros. Em "Os Testamentos", a continuação de "O Conto da Aia", o livro da célebre escritora Margaret Atwood, a protagonista, Hannah, afirma que os livros são fáceis de queimar, portanto, são frágeis e fáceis de serem destruídos pelo governo.

Ademais, em regimes como Gilead, retratado no universo de Atwood, são exemplos de sociedades que desvalorizam e até censuram os livros, devido ao fato de que a valorização deles geram conhecimento e questionamentos à sociedade, que é uma ameaça ao regime. Talvez seja por isso que, cada vez mais, governos têm desvalorizados nossos livros com taxações e até falta de incentivos para consumi-los, visto que podem levantar questionamentos sobre o estudo e valorização em áreas cruciais para a formação de nossa cidadania, como a história e a educação.

Portanto, através disso, pode-se concluir que o valor dos livros em nossas vidas, como instrumento de

conhecimento e cidadania, é imensurável, dado o fato de que eles podem levar os brasileiros a questionarem a maneira pela qual o nosso governo gerencia o nosso estudo ou certas áreas de nossas vidas. Talvez, se os brasileiros valorizassem por conta própria os livros, aí sim, eles teriam importância em nossa formação de conhecimento e cidadania.

YASMIN DE SOUZA VIEIRA

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DOS VALORES DA SOCIEDADE

No livro "A Menina que Roubava Livros", é retratada a história de uma garota que furtava obras literárias com o intuito de obter conhecimento, como forma de resistência aos horrores da Segunda Guerra Mundial. Fora da ficção, é fato que a literatura contribui para a formação dos valores da sociedade. No entanto, ao voltar-se para a realidade brasileira, percebe-se que, infelizmente, a leitura tem se tornado uma ação secundária. Nesse sentido, cabe analisar seus benefícios e seu papel na formação da sociedade.

Primeiramente, é importante notar que a leitura contribui para a construção de um indivíduo com pensamento crítico e consciente, uma vez que amplia horizontes e estimula a reflexão sobre questões

complexas da vida e da sociedade. Segundo o autor português António Lobo Antunes, *"um povo que lê nunca será um povo escravo"*. Sob essa perspectiva, o hábito de ler torna-se uma ferramenta crucial de libertação e autonomia. Assim, é urgente que o Ministério da Educação (MEC) promova políticas públicas que incentivem o contato com a literatura desde a infância, por meio da distribuição de livros, criação de clubes de leitura e parcerias entre escolas e bibliotecas. Além disso, é essencial investir na capacitação de professores com metodologias que estimulem a leitura crítica e escrita.

Portanto, a literatura e a educação têm papel essencial na formação de uma sociedade livre, igualitária e crítica. Como Liesel, de *"A Menina que Roubava Livros"*, que encontrou na leitura uma forma de resistência, cada cidadão deve ter acesso à palavra escrita como instrumento de transformação. Assim, o combate ao analfabetismo e o incentivo à leitura devem

caminhar juntos, para que a educação se torne o verdadeiro caminho da libertação social.

Palavras que Transformam: Quando a Baixada Lê e Escreve nasceu da certeza de que toda comunidade possui vozes que merecem ser ouvidas e de que a educação, quando encontra espaço para florescer, transforma destinos. Cada texto reunido nesta obra representa o encontro entre oportunidade, dedicação e coragem para pensar, argumentar e sonhar.

Os jovens autores destas páginas mostram que a literatura continua sendo uma poderosa ferramenta de construção da cidadania. Ao refletirem sobre o papel dos livros, da leitura e do conhecimento, revelam sensibilidade, consciência crítica e um profundo desejo de contribuir para uma sociedade mais justa, democrática e humana. São vozes que falam do presente, mas que também anunciam o futuro.

Que este livro inspire novos leitores, desperte futuros escritores e fortaleça a convicção de que investir na educação é investir nas pessoas. Porque toda vez que um jovem descobre a força da própria voz, uma comunidade inteira encontra novos motivos para acreditar no amanhã.

